

Povos Indígenas no Brasil

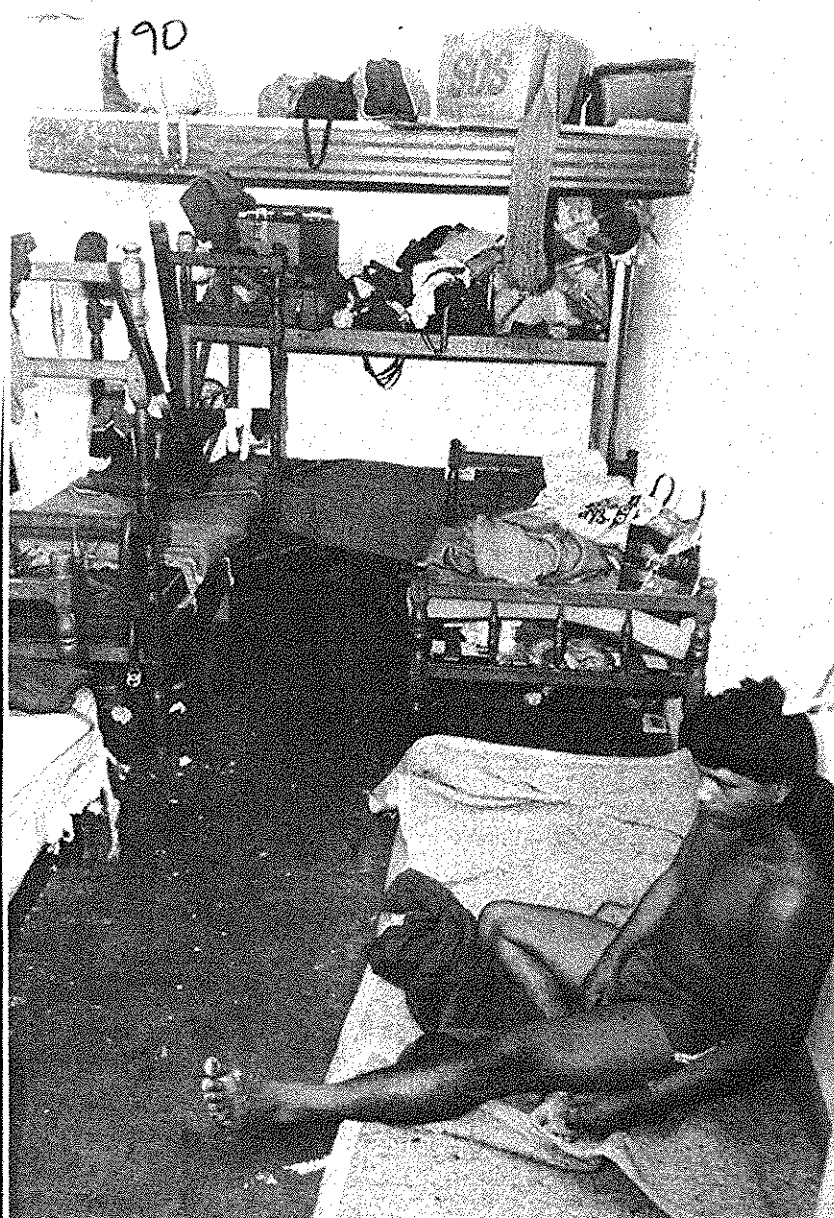
Fonte: Folha de S. Paulo

Class.: PIX geral 126

Data: 01.02.85

Pg.: _____

Claudio Miro Teodoro



A casa onde ficam os índios está em más condições de limpeza e conservação

Índios doentes ficam em casa mal conservada em SP

Reportagem Local

"Esta casa é uma imundície, cheira mal, não acho bom. Esperava encontrar coisa melhor". Este é o depoimento do índio xavante Alexandre Tsitômowa'a Bupréwe, 17, muito parecido com o dos outros 24 índios hospedados na casa de número 896 da rua Bacelar, em Vila Clementino. Todos eles receberam autorização da Funai para vir fazer tratamento médico no Hospital São Paulo, através de convênio entre o órgão e o hospital. Durante sua permanência na Capital, eles vão ficar naquela residência.

Mesmo doentes, alguns em estado grave, os índios são tratados apenas pela auxiliar de enfermagem Ana Márcia de Oliveira, 24, que acha falta de alguém para ajudá-la e de um lugar limpo na casa para fazer os curativos. "Não dá para eu cuidar sozinha de casos como o de José Osvaldo, com problemas mentais. São os índios que me ajudam a dar banho nele", afirma. O curativo da menina Cássia, que não sabia sua idade e que tinha os intestinos expostos, foi feito na sala mesmo, no sofá que lhe servia de cama. "E não há recintos separados para as pessoas com doenças infecciosas", acrescenta Ana. "Comida há quando não falta verba", explica Maria Rodrigues, 47, a única cozinheira e arrumadeira da casa, que reconhece que o local está sujo, "mas é o máximo que uma pessoa sozinha pode fazer".

Gerson Alves, 45, superintendente da Funai em Brasília, ligou para a residência e conversou com a repórter, explicando que aquilo não é uma casa de índio, mas sim um núcleo de apoio do Parque Indígena do Xingu, cuja função seria apenas de ajudar os índios na aquisição de materiais. O índio Megaron, administrador do Parque Indígena do Xingu, que também havia telefonado para saber o que se passava na casa, afirmando que "a imprensa estava fazendo um jogo sujo, e que há problemas mais sérios para serem resolvidos", falou mais tarde com a repórter na redação, dizendo que "só estava querendo ajudar a Funai".

"Claro que ele quer defender a Funai", afirma Gerusa Xavante, 27, representante da tribo em São Paulo, que trabalha naquela casa como voluntária. "Lá ele está mamando, enquanto aqui os índios estão na pior. A Funai é assim mesmo, pensa que o índio é animal."

Nelson Marabuto, 48, presidente da Funai, afirma que a má conservação da casa "é uma realidade que estamos querendo contornar". Reconhece que aquilo que só deveria ser um "escritório do Xingu" virou casa, mas afirma que exatamente por esta necessidade foi criada, no último dia 17, a Casa do Índio de São Paulo. Segundo ele, dentro de duas semanas ela estará implantada, com assistentes sociais, cozinheiras e enfermeiras.

Demarcação de área dos apinajé será estudada segunda-feira

Da Sucursal de Brasília

Na próxima segunda-feira os representantes do grupo interministerial, criado pelo decreto 88.118/83 para resolver as questões de terras indígenas, visitarão o Norte de Goiás para estudar a demarcação da reserva dos índios apinajé, que habitam a região de Tocantinópolis, no chamado "Bico do Papagaio".

Ao dar esta informação ontem, o presidente da Funai, Nelson Marabuto, reconheceu que a situação na área é tensa. De um lado os índios, que reivindicam uma reserva de 148 mil

hectares, e de outro os políticos e os posseiros da região. Os políticos são contra a demarcação e os posseiros querem uma área menor para a reserva e receber pelas benfeitorias que teriam realizado na área, apesar de viverem basicamente da cata do babaçu.

O Serviço Geográfico do Exército vai colaborar na demarcação e, como disse o presidente da Funai, não se quer discutir o tamanho da reserva, mas delimitar a área de caça e pesca dos índios. Na terça-feira o grupo interministerial volta a se reunir em Brasília para finalizar os trabalhos.